

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Liberal Class.: Tembé 106

Data 22/07/93 Pg.: _____

Tembé e Kaapor cobram a demarcação

ARY SOUSA

Os índios Tembé e Kaapor que vivem na reserva indígena do Alto Rio Guamá, no norte do Pará, ameaçam entrar em guerra contra os posseiros que vivem em suas terras há mais de trinta anos. Desde o ano passado, os índios já incendiaram mais de 200 casas erguidas às proximidades das aldeias. Apesar de a reserva ter sido demarcada em 1945, durante o governo do interventor Magalhães Barata, até hoje a demarcação não foi homologada pelo governo federal, facilitando a invasão da área. Atualmente, cerca de duas mil famílias de pequenos agricultores ocupam a reserva indígena, que também atrai as indústrias madeireiras em função da variedade de espécies nobres ali existente.

A solução para o conflito seria o remanejamento dos posseiros para outra área, pelo Governo do Estado, opinia o chefe do posto indígena da Funai em Canindé, Francisco Potiguara. Essa proposta foi apresentada ontem, durante reunião realizada no auditório da Unipop entre os caciques indígenas e os líderes dos posseiros, com a participação de representantes da Funai, do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), da Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE) e da Federação



Líderes das tribos e dos posseiros se reuniram ontem, em Belém, para tentar achar uma saída

dos Trabalhadores da Agricultura do Pará e Amapá (Fetagri). Alguns caciques, como Argemiro Tembé, compareceram à reunião pintados para a guerra.

Com uma área de 278 mil hectares, a reserva do Alto Rio Guamá — que inclui também as aldeias localizadas no alto do rio Gurupi, na fronteira com o Ma-

ranhão — abriga 22 aldeias das tribos Tembé e Kaapor, no total de dois mil índios, aproximadamente. Eles vivem do cultivo de arroz, milho e mandioca, além da produção de farinha. A convivência com os posseiros, que começaram a chegar à reserva na década de 60, é difícil. "Eles acabam com o mato e com a caça",

Guamá, Clemente Tembé. Outro problema são as doenças dos "brancos". No mês de passado, pelo menos dez índios contraíram malária e hepatite.

De acordo com Francisco Potiguara, as invasões são incentivadas pelos grandes latifundiários — que, com isso, afastam os invasores de suas próprias terras

disse o cacique dos Tembé no — e pelos prefeitos dos municípios próximos (Nova Esperança do Piriá, Capitão Poço, Garrafão do Norte, Ourém e Santa Luzia do Pará, entre outros), para cativar o eleitorado. Há vários anos, o problema vem sendo denunciado às autoridades governamentais, mas os invasores permanecem na área. O posseiro Raimundo Araújo, 51 anos, chegou à aldeia Agua Preta em 1961, e espera permanecer na área: "Queremos que os índios olhem a situação da gente, porque não temos inimizade com eles".

Estrada

Recentemente, duas madeireiras — a Rosa Madeireira e a Serraria Marajoara — iniciaram a construção de uma estrada com 12 metros de largura dentro da reserva indígena. Começando no Município de Nova Esperança do Piriá, em direção ao rio Gurupi, a estrada já está com 20 quilômetros construídos. As duas madeireiras estão prometendo fazer o assentamento dos colonos em troca da extração de madeira na reserva, denunciou Potiguara. Os índios ameaçam impedir a construção do restante da estrada, caso as autoridades não tomem uma solução.